

# Tânia Siqueira Montoro

---

Entrevista Tânia Siqueira Montoro

---

*Dra. Tânia Siqueira Montoro, professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília - UnB*

---

*Entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Luisa Martins de Mendonça – Facomb/UFG*

C & I – Professora Tânia, você está terminando de rodar um filme, poderia dizer como conciliar as tarefas de “pensar teoricamente o cinema” e realizar cinema?

R – Na verdade acredito que pensar e realizar não são ofícios excludentes. É fundamental para quem trabalha com audiovisual. Toda evolução da teoria e linguagem do cinema vem deste “fazer pensante”. Este ano (2008) foi realmente de uma longa intersecção entre o fazer cinematográfico e pensar cinematográfico. De todas as maneiras estas duas atividades sempre cruzaram minha estrada desde os meus 20 anos. Na minha primeira dissertação de mestrado na Universidade de Brasília intitulada *a tv xuxa: a criança como consumidor e a infância como mercadoria*, eu já pesquisava, analisava e também era realizadora de audiovisual. Na Columbia University estagiei no departamento de Culture, Gender and Film em que pude pesquisar sobre o impacto da televisão na construção e conformação de imaginários sobre o papel feminino no cinema e na televisão. Neste período além de entrar em contato com o pensamento feminista no cinema eu fazia estagio na PBS

(Public Broadcasting System) acompanhando a produção dos programas de televisão para crianças como Sesame Street (Vila Sésamo, no Brasil).

Em meu outro mestrado, realizado na Tulane University em New Orleans, em Communication and Social Mobilization participei de movimentos culturais em que se discutia direitos humanos e a condição feminina, especialmente sobre a condição das imigrantes latino-americanas imigrantes naquele país. Tenho mais de 16 documentários, alguns premiados, como a trilogia *Mulher e Meio Ambiente (Mulher de Areia; Mulher de Borracha e Divinas Marias)* pela Rio 92, como o melhor trabalho sobre mulher e meio ambiente. Nestes documentários, sob uma ótica feminista, registro e mapeio o trabalho das mulheres na pesca no litoral brasileiro (coleta de mariscos e moluscos, coleta de algas, coleta de caranguejos), nos seringais da Amazônia (coleta de látex, plantio e coleta do urucum e plantio e cultivo de ervas medicinais) e no protagonismo feminino nas manifestações populares da festa do divino Espírito Santo em Goiás.

Durante o meu doutoramento, no departamento de audiovisual da Universidade Autônoma de Barcelona, fui convidada a ser consultora internacional do FICA (Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental), que estava nascendo. Fui a consultora responsável o convenio do FICA com o Cine Eco, da Serra da Estrela, em Portugal. Fui eu que apresentei o cineasta e realizador Lauro Antonio para FICA, para Jaime Stchuk e Washington Novaes, João Batista de

Andrade, Dina, inaugurando essa parceria que o cinema em Goiás muito se orgulha.

Dentro deste movimento de pensar e realizar tive a oportunidade de integrar júris e comissões de seleção de festivais internacionais de cinema como a Mostra de Cinema Negro em Cabo Verde; Cinema jovem em Valencia/Espanha e ainda, do Festival Internacional de Cines des Donnes, este, realizado anualmente na cinemateca de Barcelona. Em todos estes trabalhos pensar e realizar foram matizes para produção de conhecimento para a comunicação audiovisual.

No momento, ao mesmo tempo, em que estou trabalhando para finalizar o filme “Hollywood no Cerrado”, estou fazendo pós-doutorado em cinema na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Estudo e pesquiso sobre crítica feminista e estudos de gênero na produção teórica sobre cinema no Brasil. Esta pesquisa pretende fazer uma cartografia do estado da arte dos estudos de gênero, estudos feministas no campo do audiovisual. Para isto estamos levantando artigos, resenhas, livros, teses, papers publicados com a finalidade de fazer uma sistematização do conhecimento nesta área, ainda carente de estudos na pesquisa brasileira, especialmente, da comunicação e cultura.

C & I – Poderia falar um pouco sobre seu (sua) produção audiovisual na UnB e em Brasília?

R – Em 1993 estava finalizando uma série de documentários sobre meio ambiente e também, já como professora da Universidade de Brasília, fui eleita pelos meus pares, alunos e professores como Decana de Assuntos Comunitários. Nesta época dei prioridade a reconstrução do Cinema Dois Candangos, onde

nasceu o curso de cinema de Brasília, segundo no Brasil, e o Festival de Cinema Brasileiro de Brasília. A meta era revitalizar o cinema da Universidade para acolher mostras e festivais. Juntamente com o prof. Armando Bulcão e David Pennington realizamos o documentário mobilizador - *Dois candangos: A história passou por aqui*. Com ele, arrebatamos o prêmio de melhor direção e montagem de curta metragem do IV Festival de Cinema do Ceará. Realizamos uma singular pesquisa audiovisual sobre as inúmeras invasões do campus da Unb. O cineasta Wladimir Carvalho, professor da Unb, aproveitou muitas das imagens que recuperamos em seu longa metragem *Barra 68*.

Então, há muito venho fazendo este movimento de realizar filmes e produzir conhecimento sobre cinema.

C & I – Ao mesmo tempo você produziu algumas reflexões interessantes sobre cinema, audiovisual e representação, sobretudo de gênero. Pode falar um pouco sobre isso?

R – Ainda no mestrado, publiquei diversos artigos sobre a relação mulher e audiovisual especialmente na análise do seriado *Malu Mulher* em que uma nova mulher surgia na telinha dos brasileiros. Publiquei também artigos sobre a construção de gênero nos programas infantis das redes comerciais de televisão brasileira.

Durante o meu doutorado em Comunicação Audiovisual na Universidade de Barcelona publiquei alguns artigos sobre Estética da Violência no cinema e televisão (objeto da minha tese doctoral) em que analiso a migração da linguagem

dos programas popularescos de televisão como *aquí e agora, 190 urgente e você decide* para apontar uma nova linguagem estética presente em filmes da última década como em *ônibus 174; cidade de deus e o invasor* ou ainda, analisando publicidades direcionadas ao corpo feminino como espaço de múltiplas determinações. Analisei a publicidade da DuLoren no mundo e fiz estudo comparativo com Benetton. Este trabalho está publicado pela Revista Comunicação e Espaço Público e sempre tem algum aluno na internet me pedindo, pois são poucos os trabalhos direcionados para comunicação audiovisual ou publicitária e estudos de gênero. Nisso temos sido precursores no Brasil. Nosso último livro *Imagem em Revista* tem muitos trabalhos de pesquisadores, sobre este viés, de estudos da cultura.

Acredito que o nosso trabalho deve ir além de fazer e de pensar a produção audiovisual, e ajudar a criar condições para que outras pessoas também possam trilhar este conhecimento a ser produzido. Nesse sentido, juntamente com os professores Denilson Lopes e Selma Regina Oliveira fundamos a linha de pesquisa do mestrado e doutorado de Comunicação da Universidade de Brasília, Imagem e Som, de qual sou coordenadora, com projeto no CNPQ intitulado *Imagens: Construções e Representações*. Esta linha reúne seis doutores que vêm trabalhando com seriedade e determinação. De 2002 para cá temos 6 teses de doutorado e 24 dissertações de mestrado defendidas dentro da pesquisa. A linha trouxe ainda o cineasta e teórico canadense, autor de inúmeros livros de cinema André Gaudrault para um mini curso. Trouxemos também Martin Barbero para falar sobre “o conceito de mediação cultural”. O prof Nicolas

Lorite da Universidade Autônoma de Barcelona deu ainda um curso sobre “A imagem como conhecimento”; “O documentário como forma de relato histórico” foi seminário com o documentarista Joel Pizinni e cineasta Silvio Back e, por último, provocamos a diretora premiada Suzana Amaral para pensar e discorrer sobre adaptação literária para roteiro cinematográfico.

C & I – Do seu ponto de vista, essa seria uma das formas de a universidade contribuir para um melhor conhecimento da articulação entre produção audiovisual e construção cultural?

R – Sim, claro. E para ser coerente com esta forma de pensar a inserção social das universidades é que temos trabalhado para possibilitar que um público cada vez mais amplo participe das nossas discussões. Vou dar alguns exemplos: Esta linha de pesquisa do mestrado e doutorado da Fac / Unb, congrega seis professores doutores do departamento de audiovisual e publicidade do quadro da Unb e conta com dois pesquisadores associados: o prof. Dr. Denilson Lopes da UFRJ e a prof. Dra. Marcia Flausino - publicitária. Esta linha de pesquisa, pela natureza de seus objetos de conhecimento - processos e produtos midiáticos da contemporaneidade, tem se debruçado sobre a produção de conhecimento que privilegia a complexa e dinâmica relação entre teoria e prática.

Desde 2002 temos uma parceria com a Secretaria de Cultura do Governo do Distrito Federal e anualmente, durante o Festival de Cinema Brasileiro de Brasília, aproveitamos para realizar um seminário aberto ao público e com apoio da TV - UNB que transmite

ao vivo estes eventos de extensão universitária no canal 6 da Net - Brasília.

Em 2003, fizemos um seminário sobre Cinema e Literatura com José Carlos Avellar, com o cineasta Julio Bressane, Lauro Antonio (coordenador do Festival Internacional de Cinema e Literatura de Famalicao - Portugal e, ainda, o pesquisador de cinema Denilson Lopes e o prof. Rogério Lima do depto de literatura da Universidade de Brasília.

No ano de 2004, realizamos um seminário sobre Desafios do ensino do audiovisual em que estiveram presentes o prof. Marcius Freire, da Unicamp; Prof. Dora Mourão, da USP; Profa. Dra. Rosa Berardo, da UFG, você, Profa. Dra. Maria Luisa Mendonça, e o prof. Dr. David Pennington, da Unb.

Em 2005 realizamos o seminário com o título “A história vai ao cinema” e contamos com o historiador e cineasta Silvio Tendler, o documentarista e prof. de cinema, da Unb, Wladimir Carvalho e a pesquisadora de cultura brasileira, Tereza Negrão.

Em 2007, realizamos um seminário de dois dias com o título “O cinema pensa a linguagem” com Rosa Berardo, prof. Dra. Susana Dobal da Fac/ Unb e ainda o filósofo Prof. Dr. Júlio Cabrera autor dos excelentes livros: “O cinema pensa a filosofia” e “De Hitchcock a Greenaway: Pela história da filosofia” e ainda, o cineasta Geraldo Moraes e Jorge Bodanzky.

Neste ano comemorando os 20 anos do filme “A Hora da Estrela” de Suzana Amaral e 31 anos da morte de Clarice Lispector e ainda, a conclusão de uma tese de mestrado, na nossa linha de pesquisa da pós graduação, do jornalista, escritor e professor Washington Araújo, que de tão substantiva,

foi aceita para publicação, com prefácio de Suzana Amaral e orientação da prof. Dra. Susana Dobal, da linha de imagem e som. Realizamos o seminário “*macabé vai ao cinema: a hora da estrela e a travessia da linguagem literária para cinematográfica*”.

C&I – Gostaria que você comentasse um pouco mas sobre este seminário que me pareceu tão interessante, afinal a relação entre cinema e literatura é antiga e bastante estreita e sempre traz reflexões muito interessantes sobre construção de discursos e narrativas.

R – Fizemos um seminário com várias vezes mais com um olhar ancorado na relação entre cinema e literatura. Elegemos a obra desta escritora talentosa que foi Clarice Lispector para nos debruçar. Aproveitando o desafio colocado pela dissertação do jornalista Washington Araújo, conclamando a personagem de Clarice – Macabéa, Desde o nome do seminário fazemos uma interpelação ao leitor e ao público. “Macabea – Vai ao cinema?”

Convidamos para a mesa o prof. Dr. Paulo Schettino, da Usp/ Faap e Uniso para falar sobre seu último e poético filme “Ora (dizeis) ouvir estrelas “uma ode à obra de Lispector, que foi agraciado com menção honrosa no 7º Festival Internacional de Cinema do Porto em Portugal, no ano de 2008; e também do seu recente livro “Diálogos sobre Tecnologia do Cinema Brasileiro”<sup>1</sup>”.

A consagrada cineasta Suzana Amaral com 78 anos, uma pessoa que sempre trabalhou com adaptação literária para o cinema, relatou como adaptou a obra consolidada de Clarice para o cinema contando detalhes de como trabalhou a morte do narrador Rodrigo S.M., presente

<sup>1</sup> São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

no livro da escritora. O filme *A Hora da Estrela*, além de ganhar todos os prêmios no Brasil, conferiu à atriz de teatro Marcelia Cartaxo o prêmio de melhor atriz no Festival de Berlim em 89. Tivemos ainda a oportunidade de ouvir a diretora contar como adaptou o escritor Autran Dourado em 2001, com o filme “Uma vida em segredo”; e agora quando finaliza outra adaptação literária “Hotel Atlântico” do escritor Moacyr Seliar. Enfim, ouvi-la foi uma experiência ímpar e singular... Em minhas reflexões procurei o feminino na escrita de Lispector, que cria Macabéa e que é transmutada para o cinema pelo olhar de outra mulher singular, Suzana Amaral. Nordeste, mãe de 9 filhos, aluna do Actors Studio em Nova Iorque, que começou a filmar depois dos 40 anos e que já realizou mais de 50 documentários. Esta cineasta matou, na adaptação cinematográfica, o narrador, para dar corpo e voz a outra nordestina, a excelente atriz Marcelia Cartaxo, que viveu a excêntrica personagem de Macabéa no cinema...

O prof. Dr. André Lemos, chefe do departamento de teoria literária e literaturas da Unb e autor do livro “Clarice em Cena” - em que destaca os textos de Clarice escritos para o teatro, esteve presente ao seminário e pode conferir esta tarde memorável em que o jornalista Washington Araújo cravou de “a conspiração do bem”. Naquele final de 2008, no pioneiro Hotel Nacional de Brasília sobrevoava Clarice no lotado salão vermelho de professores, jornalistas, estudantes, cineastas, escritores, amantes de escritora e parceiros da cineasta .

Este seminário demonstrou um diálogo profícuo entre cineastas, estudiosos e até ministros apaixonados por Clarice e pelo bom cinema brasileiro. A atualidade da

discussão revela-se pela complexa relação entre literatura, história e cinema, uma vez que 70% dos filmes de ficção são baseados em obras literárias. Ainda, o seminário destacou que o cinema democratiza a literatura uma vez que as maiores bilheterias do cinema brasileiro são de filmes que advêm de obra literária, como *Dona Flor e seus dois maridos*; *Vidas Secas*, *Cidade de Deus*; *O Invasor*; *Tropa de Elite*; *Carandiru*; *Lavoura Arcaica*; *Ensaio sobre a Cegueira*; *Meu nome não é Jonhny*; *Brás Cuba* e tantos outros. Na cinematografia mundial a assertiva também se confirma seja pelo sucesso de filmes como *O Código da Vinci*; *A lista de Schindler*; *Harry Potter*; *O caçador de Pipas*; *Presopolis*; *Senhor dos Anéis*; *O nome da Rosa* e tantos outros...

Isto sem falar das grandes séries da televisão brasileira ou de novelas baseadas em textos literários e que são sucesso de exportação de produto cultural como *Escrava Isaura*, *Os Maias*; *Vida de Maria*; *Caros amigos*; *Vestido de Noiva*, *Grande Sertão Veredas*, *A vida como ela é*; *Mandrake* e a recente *Capitu*.

A relação entre narrativa literária e roteiro cinematográfico mostra que as linguagens literárias e cinematográficas são complementares e que o termo “adaptação” não dá conta deste produtivo encontro entre narradores. Talvez “transmutação” se mostre mais adequado. A capacidade de contar uma história lida, sentida e trans-mutada para outra gramática deve ocorrer sem aprisionamentos. São duas linguagens que se servem de elementos narrativos diferentes e complementares. Neste sentido, recomendo uma leitura do texto da prof. Dra. Diva do Couto Gontijo Muniz, do departamento de história da Unb,

“O segredo de Brokeback Mountain - Uma história de aprisionamentos.” no livro *A construção dos Corpos* organizado por Cristina Stevens e Tania Navarro Swain.<sup>2</sup>

C & I – Tânia, esta relação dialógica entre fazer/pensar, a existência de cursos de cinema, a atuação concreta de estudiosos na produção de cultura e de saberes contribui para a democratização do conhecimento, mesmo que seja um conhecimento sobre algo que a sociedade aparentemente não valoriza, como por exemplo, pensar o cinema, a Televisão?

R – Acredito que sim tanto que, continuando na trilha de fazer/refletir/dialogar, em 2006 consegui publicar, juntamente com o prof. Dr. Ricardo Caldas, o livro “A Evolução do Cinema Brasileiro”<sup>3</sup>, graças ao fato de ter ganhado o edital público dos Correios em comemoração aos 100 anos de cinema. Assim foi possível escrevermos o livro, fruto de uma pesquisa de mais de 4 anos. A obra registra e mapeia a história das intervenções do Estado na área de cinema e audiovisual. Está esgotado e vai sair uma segunda edição.

Também juntamente com o prof. Ricardo Caldas organizamos dois livros fruto da pesquisa da linha de pós graduação “De olho na imagem” e “Imagem em Revista”.<sup>4</sup>

No sentido de ampliar o conhecimento em audiovisual fizemos a curadoria, como projeto de extensão universitária, de diferentes mostras de cinema: “O negro em Cartaz” com um público de mais de 2000 pessoas em 2004 no cine Dois Candangos da Universidade de Brasília; “Curta Espanha”, durante 8 dias, em 2005, no Instituto Cervantes; “Cinema todas as tribos” em 2006 - mostra de cinema

etnográfico em parceria com o a WWF no Cine Brasília e, em dezembro, deste ano, a convite da Agência Espanhola de Cooperação Internacional – AECID - a mostra “Um olhar sobre a Mulher”, durante 8 dias, com filmes inéditos no Brasil, sobre questões do universo feminino na Europa.

Na orientação acadêmica também estamos tendo sucesso. Neste último festival de cinema de Brasília vários alunos foram premiados. Sob minha orientação dois alunos realizaram o melhor filme da mostra 16mm “Memórias Finais da República das Fardas” - Gabriel Marinho (prêmio Marco Antonio Guimarães para melhor pesquisa em audiovisual) e ainda o curta em 35 mm “A saga das Candangas Invisíveis” de Denise Caputo e Adriana Motta. Todas essas ações aproximam a universidade e a produção de conhecimento de um público que não é, necessariamente, universitário. E este contato, este diálogo é enriquecedor para ambos.

C & I – Sei que você está terminando um filme que se passa em Goiás, mais especificamente na cidade de Anápolis, sobre umas atrizes estadunidenses que vieram para o cerrado em meados do século passado. Poderia nos dar mais detalhes da produção, financiamentos, previsão de estréia, enfim: como é fazer filme no Brasil atual?

R – Estamos há cinco anos fazendo o longa documentário Hollywood no Cerrado juntamente com o cineasta e prof. Dr. Armando Bulcão. Fomos contemplados com 200 mil reais da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, em edital público, para finalização do longa metragem “Hollywood no Cerrado”. Este filme, que contou com pesquisa do historiador goiano já falecido, Paulo

<sup>2</sup> Editora Mulheres, Santa Catarina, 2008.

<sup>3</sup> Editora Casa das Musas, Brasília, 2006.

<sup>4</sup> Editora Abaré, Brasília 2004.

Bertran, vem sendo realizado com muita pesquisa iconográfica e também de linguagem. O filme é super original e vai mostrar um lado cosmopolita de Goiás, especialmente entre as décadas de 40 a 60, antes da construção de Brasília. É um filme que mostra outro lado de Goiás, e revela como a Marcha para o Oeste e a construção da ferrovia São Paulo – Goiás possibilitou um encontro entre imigrantes internacionais e população nativa. Também revela os astros de Hollywood que vieram morar em Anápolis como Joan Lowell, Janet Gaynor e Mary Martin, Larry Hagmann e tantos outros que por aqui estiveram.

Foram anos de pesquisa e luta para ter acesso aos filmes protagonizados pelos atores e que foram sucessos internacionais de público e crítica. Recupera a história cultural de Goiás ao narrar como os meios de transporte favoreceram a entrada de filmes nos cinemas regionais. Poucos brasileiros sabem que na década de 60 Anápolis tinha mais salas de cinema do que Belo Horizonte ou Niterói. Ainda, que o “major Nelson” do seriado mais visto no mundo, *A Feiticeira*, era um hippie que namorava as meninas no Clube Recreativo Anapolino, ou ainda, que na biografia de Mary Martin, o cerrado brasileiro é descrito como selva e que ainda, este mesmo cerrado, abrigou a primeira estatueta de premiação do Oscar com prêmio auferido como melhor atriz para Janet Gaynor, moradora de Anápolis. Poucos brasileiros sabem que Anápolis tinha vôo direto para os Estados Unidos com rota (São Paulo, Anápolis e Chicago) ou ainda que a atriz principal do filme *Psicose*, de Hitchcock esteve em Anápolis e batizou uma escola pública com seu nome.

Foram anos de pesquisa e sem apoio financeiro. Mas tenho certeza

de que o filme será um marco porque estamos trabalhando com uma montagem que se constrói em forma de almanaque audiovisual.

Esperamos que o filme fique pronto em doze meses com uma equipe e orçamentos enxutos. Contamos ainda no filme com muitos profissionais de Goiás como o diretor de arte Antonio Bandeira e o pesquisador e historiador Jairo do museu histórico de Anápolis.

Para o filme, fizemos ainda uma vasta pesquisa iconográfica sobre a história das salas de cinema de Goiás, esquecidas por historiadores, cinéfilos e críticos da sétima arte.

Como professora de teoria do cinema o filme foi um desafio tanto nos domínios da técnica como da linguagem cinematográfica em si, pois se trata de um doc-ficção. Ou seja, a realidade supera qualquer ficção, e então, na estrutura da narrativa, trabalha-se com elementos da linguagem visual e sonora para dar legitimidade e credibilidade à minha narrativa.

A pesquisa que fizemos com certeza gerará uma mostra fotográfica, uma vasta bibliografia pesquisada, um levantamento sonoro enfim, creio que o filme em muito contribuirá para fomentar outros imaginários sobre Goiás.

Data do recebimento: 18/10/2008

Data do aceite: 18/12/2008